

AUTOMEDICAÇÃO PRATICADA POR PROFISSIONAIS DA SAÚDE DE CURITIBA QUE ESTÃO NO COMBATE DA COVID-19

SELF-MEDICATION PRACTICED BY HEALTH PROFESSIONALS FROM CURITIBA THAT ARE FIGHTING COVID-19

AUTOMEDICAÇÃO POR PROFISSIONAIS COMBATENDO COVID-19

Hamilton Horst¹
Rodrigo Américo de Souza²
Adriana de Oliveira Christoff³

RESUMO: O artigo tem como objetivo avaliar o padrão de automedicação realizada por profissionais da saúde de UTIs na cidade de Curitiba em hospitais que prestam atendimento a pacientes com Covid-19, identificar os principais grupos terapêuticos utilizados, apontar os principais motivos relacionados, verificar a prevalência entre alguma classe profissional e nível de escolaridade quanto ao hábito da automedicação, apontar a frequência de uso e os locais de aquisição. Foi realizada uma pesquisa com abordagem quantitativa do tipo descritiva com dados obtidos através de uma entrevista por questionário online, elaborado no Google forms, onde os participantes responderam à questões objetivas. Participaram da pesquisa 61 indivíduos que atenderam aos critérios de inclusão. Desse total, 65,57% afirmaram utilizar medicamentos sem prescrição, sendo em sua maioria mulheres casadas, com faixa etária entre 31 a 40 anos. Os fisioterapeutas apresentaram maior representatividade na pesquisa, enquanto os enfermeiros manifestaram proporcionalmente maior utilização de medicamentos sem prescrição. O nível de escolaridade foi maior entre os adeptos a automedicação. Metade dos entrevistados que afirmou utilizar medicamentos sem prescrição, declarou que foi em decorrência da pandemia. Analgésicos, anti-inflamatórios e relaxantes musculares foram os medicamentos mais citados, e a principal causa foi a dor. O principal local de aquisição dos medicamentos foi a farmácia, e 80% dos entrevistados consideraram incorreto o hábito da automedicação. Presumimos que o uso de medicamentos isentos de prescrição (MIPs) foram os mais consumidos, portanto, visando o uso racional de medicamentos e a automedicação de maneira responsável, destaca-se a figura do farmacêutico como elemento fundamental nesse processo.

DESCRITORES: autocuidado; automedicação; profissionais da saúde.

ABSTRACT: The article aims to evaluate the pattern of self-medication performed by health professionals from ICUs in the city of Curitiba in hospitals that provide care to patients with Covid-19, identify the main therapeutic groups used, point out the main related reasons, verify the prevalence between some professional class and level of education regarding the habit of

¹ Formado em Farmácia pelo Centro Universitário Autônomo do Brasil – UniBrasil

² Formado em Farmácia pelo Centro Universitário Autônomo do Brasil - UniBrasil

³ Doutora em farmacologia pela Universidade Federal do Paraná. Professora do Centro Universitário Autônomo do Brasil - Unibrasil

self-medication, indicating the frequency of use and place of acquisition. The research was carried out with a quantitative-descriptive approach with data obtained through an online questionnaire interview, elaborated in *Google Forms*, where the participants answered objective questions. A total of 61 individuals who met the inclusion criteria participated in the research. Of this total, 65.57% claimed to use medicines without prescription, being mostly married women, aged between 31 and 40 years. Physiotherapists were more representative in the survey, while nurses showed proportionally greater use of over-the-counter medications. The level of education was higher among those who adhered to self-medication. Half of the respondents who claimed to use over-the-counter medications said that it was as a result of the pandemic. Analgesics, anti-inflammatories and muscle relaxants were the most cited drugs, and the main cause was pain. The main place of purchase of medicines was the pharmacy, and 80% of respondents consider the habit of self-medication incorrect. We assume that over-the-counter medicines (OTCs) were the most consumed, therefore, aiming at the rational use of medicines and responsible self-medication, the figure of the pharmacist stands out as a fundamental element in this process.

DESCRIPTORS: self-care; self-medication; health professionals.

1. INTRODUÇÃO

A automedicação é um hábito que está presente em diversas faixas etárias e culturas ⁽¹⁾. Consiste na prática do próprio indivíduo em selecionar e utilizar medicamentos que considera eficazes para resolver o seu problema de saúde, sem o diagnóstico de um médico e sem a orientação de um farmacêutico ⁽²⁾. Essa atitude inadequada traz riscos e pode causar diversas consequências à saúde da pessoa que a realiza ⁽³⁾.

Uma pesquisa do Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ) realizada no ano de 2018 mostrou que, no Brasil, 79% das pessoas com mais de 16 anos admitiram tomar medicamentos sem prescrição. Além disso, cita a família como a principal influenciadora para essa prática, totalizando 68%, seguido pelos balconistas das farmácias com 48%. Neste mesmo estudo, os principais sintomas relacionados ao uso de medicamentos sem prescrição foram dor de cabeça, febre e resfriado, enquanto os medicamentos mais consumidos foram analgésicos, anti-inflamatórios e relaxantes musculares ⁽⁴⁾.

A automedicação é uma prática costumeira no Brasil. Segundo dados levantados pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), cerca de 77 % da população se medica sem consultar um profissional da saúde previamente. Parte dessa população é representada por profissionais da saúde, tais como farmacêuticos, enfermeiros, médicos, fisioterapeutas e nutricionistas, que ao possuírem maior facilidade de acesso a esses medicamentos, podem usá-los de maneira indiscriminada ⁽⁵⁾.

Segundo Galvan et al. (2016), dentre os profissionais da área de saúde que praticam automedicação, os médicos possuem maior representatividade. A necessidade de aliviar sintomas através desta prática se deve aos trabalhadores dessa área estarem frequentemente

expostos a riscos biológicos, ergonômicos e psicossociais⁽⁶⁾.

Apesar da prática poder ser benéfica em tratar doenças e sanar desconfortos, existe a possibilidade de mascarar um mal maior, piorar o caso e até mesmo criar alguma condição patológica⁽⁷⁾. Ainda, existe a probabilidade de ocorrer IM 's (interações medicamentosas). “O risco de IM na prática da automedicação pode inutilizar/reduzir, ampliar ou fortalecer o efeito de alguns fármacos”⁽⁸⁾.

A automedicação é um dos elementos do autocuidado, que representa um conjunto de ações praticadas pelo indivíduo na tentativa de estabelecer e manter a saúde, prevenir e lidar com as doenças. Esses elementos incluem higiene, nutrição, estilo de vida, fatores ambientais, fatores socioeconômicos e automedicação que, quando realizada de maneira responsável pode, por exemplo, reduzir custos de programas de saúde financiados pela sociedade além de diminuir ausências no trabalho devido a transtornos menores^(9,10).

Uma pesquisa realizada no início de 2021 em todo território nacional pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), incluindo todos os profissionais da área da saúde, mostrou que a pandemia do COVID-19 provocou alterações significativas na vida pessoal e profissional destes trabalhadores. O excesso de trabalho foi admitido por quase metade dos entrevistados, que citaram jornadas extenuantes para além das 40 horas semanais. O estudo demonstrou ainda que 14% da força de trabalho que atua na linha de frente do combate à Covid-19 no país está no limite da exaustão, e as alterações mais comuns citadas foram a perturbação do sono, irritabilidade e choro frequente, estresse, dificuldade de concentração, insatisfação na carreira ou na vida, sensação negativa do futuro, pensamentos suicidas e alterações no apetite e do peso⁽¹¹⁾.

Desta forma, o objetivo de estudo dessa pesquisa foi avaliar a automedicação praticada por profissionais da saúde de unidades de terapia intensiva na cidade de Curitiba atuantes em hospitais que prestam atendimento à pacientes com Covid-19, bem como identificar os principais grupos terapêuticos utilizados, apontar os principais motivos relacionados, verificar se houve prevalência de alguma classe profissional e nível de escolaridade quanto ao hábito da automedicação, apontar a frequência de uso e os locais de aquisição dos medicamentos, além de averiguar se houve influência para essa prática.

2. MÉTODOS

Este trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Autônomo do Brasil, UniBrasil, segundo a resolução nº 466 de 12 de dezembro

de 2012 com o número 4.947.779.

Trata-se de uma pesquisa com abordagem quantitativa, do tipo descritiva, que tem como finalidade identificar, registrar e analisar características de um fato, no intuito de traçar um perfil como o conhecimento de um determinado grupo de população. Pode ainda retratar atributos de uma determinada população a ser estudada, propondo-se através do levantamento de dados, sejam eles no formato de questionários ou observações, podendo possuir natureza qualitativa e quantitativa para alcançar um desfecho^(12,13).

Foram incluídos na pesquisa profissionais da saúde, entre eles, auxiliares, técnicos e profissionais com formação universitária, das unidades de terapia intensiva de hospitais da cidade de Curitiba que atuam na linha de frente ao combate da pandemia e possuem relação direta à assistência dos pacientes.

Portanto essa pesquisa teve um delineamento quantitativo, transversal e descritivo. Os dados foram levantados através de uma entrevista por questionário com perguntas objetivas online, elaborado através do *Google forms*, pelos pesquisadores, o qual teve o objetivo de identificar e analisar a prática da automedicação por profissionais da área de saúde durante o período compreendido entre 2020 e 2021.

O questionário online, foi enviado através do aplicativo *WhatsApp* ou *e-mail*, assinado e respondido digitalmente pela plataforma *Google forms*, no qual os participantes responderam a questões objetivas que abordaram características sobre a prática da automedicação, quais foram os medicamentos utilizados, qual a motivação por trás dessa prática e qual a frequência do uso.

As perguntas que compõem o questionário online são: 1- Sexo? 2- Idade? 3- Estado civil? 4- Trabalha na UTI? 5- Profissão? 6- Nível de escolaridade? 7- Tempo na profissão? 8- Utiliza algum medicamento sem prescrição? Se sim qual(is)? 9- Passou a utilizar algum medicamento sem prescrição em decorrência da pandemia? Se sim, qual(s)? 10- Com qual frequência utiliza medicamentos sem prescrição? 11- Está ciente dos possíveis riscos dessa prática? 12- Qual(is) causa(s) o(a) levou ao consumo desses medicamentos sem prescrição? 13- Onde adquire habitualmente esses medicamentos? 14- A automedicação foi influenciada por alguém? 15- Na sua opinião, considera correta a prática de automedicação? Todas as perguntas serão respondidas através de alternativas de múltipla escolha.

O questionário online foi direcionado aos profissionais da saúde das Unidades de Terapia Intensiva, os quais foram recrutados à pesquisa através do compartilhamento do *link* do questionário por meio de redes sociais como *Instagram*, *Facebook* e *Whatsapp*. O

compartilhamento do *link* estava associado a uma breve informação sobre a pesquisa trazendo as seguintes informações: “Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que irá avaliar o padrão de automedicação em profissionais da saúde que trabalham nas UTIs da cidade de Curitiba, e que, portanto, estão na linha de frente ao combate do coronavírus. Se você faz parte desse grupo, e quiser participar por livre e espontânea vontade acesse este link”.

Após o acesso, o profissional foi encaminhado primeiramente para uma página contendo o TCLE, o qual continha informações para ler e assinar caso concordasse em continuar a sua participação, e após, o participante teria acesso ao questionário. Ao finalizar, o participante enviou o formulário que estava vinculado ao TCLE, apenas clicando no botão “enviar” ao finalizar o questionário. A coleta de dados ocorreu no segundo semestre de 2021. Os profissionais que aceitaram participar, responderam ao questionário do local onde o recrutado estivesse, traduzindo um meio de comunicação acessível, satisfazendo apenas o acesso à *Internet* para participar. Portanto, a amostragem foi de forma aleatória simples.

É importante salientar que após a abertura do link o profissional teve acesso ao questionário somente após confirmar e concordar com os dispostos apresentados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por livre e espontânea vontade. Este continha todas as informações inerentes à pesquisa e, principalmente, enfatizou a abordagem sigilosa dos dados, preservando a integridade moral do recrutado.

Os dados foram adicionados em planilha da ferramenta Excel, através do qual foi realizada uma análise descritiva simples, a fim de elucidar o percentil alcançado pelas respostas dos profissionais em relação às questões apresentadas no questionário.

3. RESULTADOS

Participaram da pesquisa 61 indivíduos que atenderam aos critérios de inclusão. As mulheres apresentaram maior predomínio entre os entrevistados (83,6%), dentre as quais em sua maioria são casadas. A profissão com maior representatividade foi de Fisioterapeutas (42,6%), dos quais a maior parte possui pós-graduação ou especialização. A “Tabela 1” traz as informações demográficas complementares dos entrevistados.

Sexo	n= 61
Masculino	16,43%
Feminino	83,60%

Faixa etária	
20 a 30	24,60%
31 a 40	47,50%
41 a 50	26,20%
51 a 60	1,60%
Estado civil	
Casado	57,40%
Solteiro	34,40%
Divorciado	8,20%
Profissão	
Fisioterapeuta	42,60%
Enfermeiro	11,50%
Médico	16,40%
Psicólogo	1,60%
Técnico e Enfermagem	27,80%
Nível de escolaridade	
Superior	9,80%
Pós-graduação/Especialização	52,50%
Mestrado	9,80%
Técnico	27,90%

Tabela 1. Informações demográficas dos participantes da presente pesquisa referentes ao uso de medicamentos sem prescrição.

Do total de entrevistados, 65,57% afirmaram que utilizam medicamentos sem prescrição, sendo que as mulheres representaram 95%, dentre as quais 52,63% são casadas. A faixa etária de maior expressão entre os profissionais que praticam a automedicação foi de 31 a 40 anos (47,5%), enquanto o intervalo entre 11 a 15 anos de profissão foi o mais prevalente (29,5%).

Dentre os profissionais que responderam a pesquisa, os fisioterapeutas tiveram maior participação, 42,62%. Porém, a classe profissional que manifestou, proporcionalmente, maior utilização de medicamentos sem prescrição foi a enfermagem, totalizando 86% dos

enfermeiros, seguido pela classe médica que somou 70%. O nível de escolaridade foi maior entre os profissionais que declararam realizar a automedicação, dos quais 65% mencionaram possuir pós-graduação, especialização ou mestrado, seguido por curso técnico com 14,70%, e superior com 8,20%. A “Figura 1” representa o percentual por classe profissional referente à prática da automedicação.

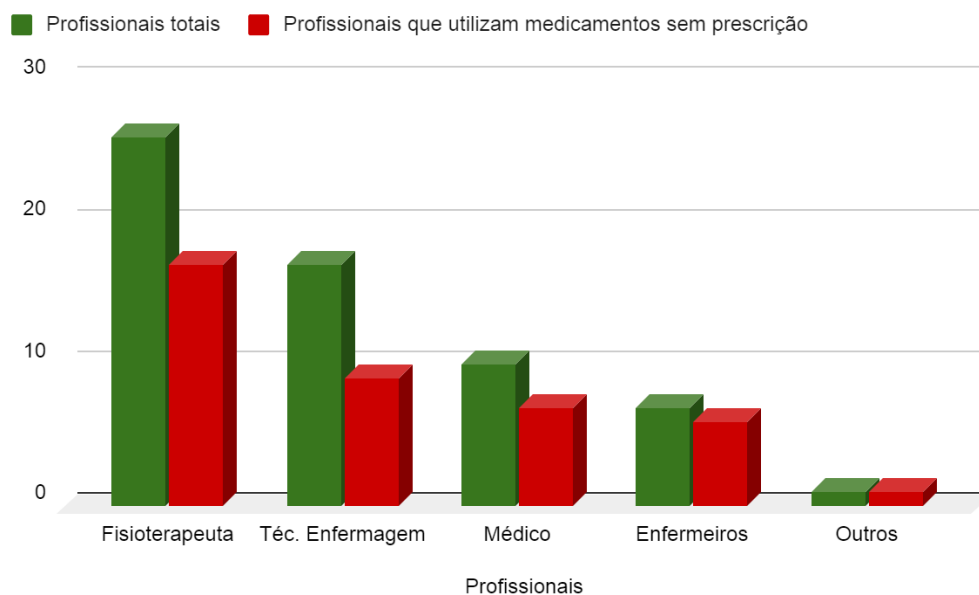


Figura 1. Percentual por classe profissional que pratica a automedicação

Em relação a frequência de uso dos medicamentos, 67,5% afirmaram fazer uso ocasionalmente, 17,5% utilizam toda semana, 10% mensalmente, enquanto apenas 5% afirmaram fazer uso diário. A grande maioria dos entrevistados declarou estar ciente dos possíveis riscos dessa prática, totalizando 97,5%. Quando questionados se já utilizavam medicamentos sem prescrição, 65,57% de todos os participantes declararam fazer uso. Já quando perguntado se passaram a se automedicar em decorrência da pandemia da COVID-19, 50% destes responderam que sim.

Os medicamentos mais comumente utilizados foram os analgésicos, seguidos por anti-inflamatórios, relaxantes musculares e medicamentos para gripe/resfriado. Quanto ao uso em decorrência da pandemia, as classes mais citadas foram analgésicos, relaxantes musculares e ansiolíticos, respectivamente, conforme demonstrado na “Figura 2”. Dentre as causas para a automedicação, a dor teve maior representatividade com 85%, na sequência resfriados com 47,5%, cansaço 40%, alergias 35% e estresse com 25%.

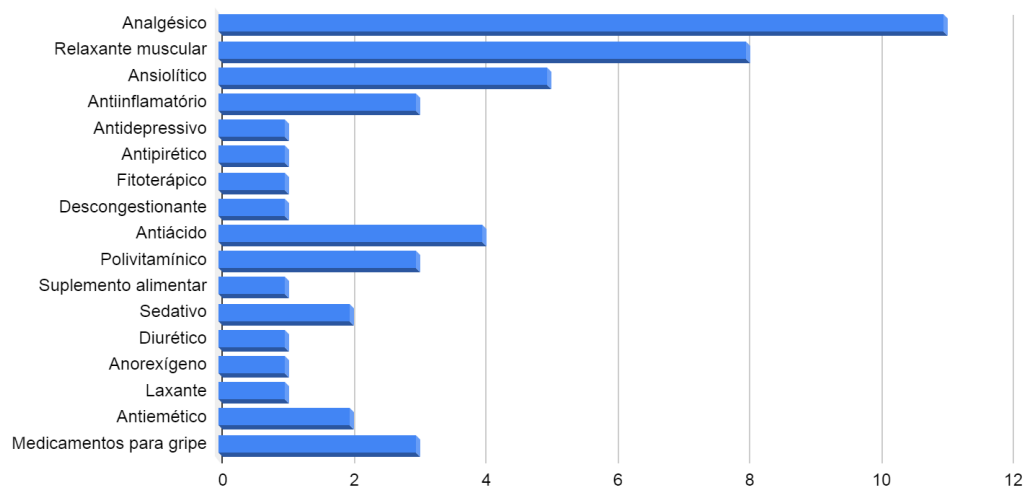


Figura 2. Percentual de respostas quanto às classes medicamentosas mais utilizadas em decorrência da pandemia da COVID-19.

O principal local citado para a aquisição dos medicamentos foi em farmácias, seguido por familiares, amigos ou em hospitais que estes profissionais atuam. A prática da automedicação não teve influência de terceiros de acordo com 72,5% dos participantes e 80% consideram incorreta essa prática.

4. DISCUSSÃO

A automedicação é uma prática comum na sociedade contemporânea, não apenas em países subdesenvolvidos, mas também em países de primeiro mundo⁽¹⁴⁾. No Brasil esse é um hábito comum realizado pela sociedade em geral e por profissionais da saúde, indicando, inclusive, uma banalização dessa prática⁽⁶⁾.

A Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) número 7, de 24 de fevereiro de 2010, dispõe, entre outros assuntos, sobre os requisitos para funcionamento de Unidades de Terapia Intensiva, e determina o número mínimo de profissionais para atuarem nessas unidades, por exemplo: 1 médico plantonista e 1 fisioterapeuta para cada 10 leitos, 1 enfermeiro para cada 8 leitos, 1 técnico de enfermagem para cada 2 leitos por turno, entre outros⁽¹⁵⁾. A média de leitos ativos de UTIs do Sistema Único de Saúde (SUS) durante os meses em que a pesquisa foi realizada, de setembro a outubro de 2021, ficou acima de 290 leitos⁽¹⁶⁾. Considerando essas informações, infelizmente o número de respostas obtidas nessa pesquisa ficou muito abaixo do

esperado, totalizando 61 dos 200 esperados. Essa baixa participação pode ser resultado de vários fatores, dentre eles pode-se pressupor uma provável dificuldade de acesso à plataforma do questionário, a falta de tempo desses profissionais em participar de pesquisas visto a complexidade dos plantões e o fato de normalmente trabalharem em mais de um local ou ainda pelo motivo da automedicação ser um tema complexo pois existe o risco da prática abusiva e muitas pessoas preferem não falar a respeito. Portanto, presume-se que os resultados encontrados são representativos para o total de profissionais atuantes nessas unidades durante o mesmo período.

Em relação ao total de profissionais que responderam ao questionário, houve uma maior representatividade de mulheres que admitiram utilizar medicamentos sem prescrição (74,5%), dentre as quais a maioria afirmou ser casada. Esse resultado é semelhante a outros estudos que sugerem que a prevalência da automedicação no Brasil encontra-se entre mulheres, e quando estas são profissionais da área da saúde são, em sua maioria, casadas^(1,17). Essa superioridade de participação feminina pode ser explicada porque, de acordo com o Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (CONASEMS), as mulheres representaram, em 2020, mais de 65% do total de profissionais da saúde⁽¹⁸⁾. A relação entre a prática da automedicação e mulheres casadas pode estar relacionada com o fato de que, estas profissionais precisam dividir seu tempo entre a rotina de trabalho e suas atividades domésticas cotidianas, o que pode ocasionar sobrecarga de trabalho.

A classe que teve maior participação na pesquisa foi dos fisioterapeutas (42,62%), fato que provavelmente se deve à amostragem por conveniência. Por outro lado, a de menor participação foi de psicólogos, contabilizando apenas uma resposta, que, em virtude desse único resultado, foi desconsiderada. O percentual total de profissionais adeptos à automedicação foi de 65,57%. Essa proporção foi inferior à encontrada na pesquisa de Pereira et al.⁽¹⁹⁾ (2018) realizada em São Luís (MA) que mostrou uma prevalência para a automedicação de 73,3% dos entrevistados. Também ficou inferior à pesquisa realizada por Wanderley et al.⁽²⁰⁾ (2020), que mostrou uma predominância de 98% dos participantes para a automedicação.

Entre todos os profissionais, os enfermeiros foram os que apresentaram maioria de adeptos à automedicação (86%), seguidos pelos médicos (70%). Wanderley et al.⁽²⁰⁾ (2020) encontraram maior prevalência de técnicos de enfermagem (34%) em um estudo com 300 profissionais da saúde. Por outro lado, estudo de Tomasi et al.⁽²¹⁾ (2007) aponta que a classe médica apresenta maior índice de automedicação (43,1%), enquanto a segunda maior predominância (32,4%) ficou entre enfermeiros e odontologistas. Diversos profissionais enfermeiros e técnicos de enfermagem possuem mais de um vínculo empregatício, além disso,

suas atividades em UTIs compreendem funções complexas. Esses fatores associados à constante manipulação de diversos fármacos, podem estar relacionados ao uso de medicamentos com objetivo de enfrentamento da jornada de trabalho⁽¹⁷⁾.

Foi observado um maior nível de escolaridade (65%) entre os profissionais da saúde entrevistados que utilizam medicamentos sem prescrição. Essa característica também foi observada por Tomasi et al.⁽²¹⁾ (2007), que relata uma associação significativa entre automedicação com maior nível de educação escolar e classe social. Vilarino et al.⁽²²⁾ (1998) já haviam relacionado o aumento da utilização de medicamentos sem receita por pessoas com maior escolaridade. Apesar disso, a maioria dos entrevistados relata fazer uso apenas ocasional dos medicamentos e citam ter ciência quanto aos possíveis riscos dessa prática. O maior conhecimento dos profissionais da saúde sobre os medicamentos e o fácil acesso a estas substâncias, podem gerar a sensação de autonomia a respeito de sua saúde e ocasionar essa tomada de decisão.

A metade dos entrevistados que realiza automedicação, alega que passou a utilizar determinados medicamentos em decorrência da pandemia. Pesquisa realizada neste ano pela Fiocruz com profissionais da saúde no contexto da Covid-19 revelou que, quase metade dos entrevistados admitiram excesso de trabalho, jornadas extenuantes além das 40 horas semanais, e as alterações pessoais mais citadas foram perturbação do sono, irritabilidade e choro frequente, estresse, dificuldade de concentração entre outros⁽¹¹⁾.

Os medicamentos sem prescrição mais citados foram analgésicos, relaxantes musculares e ansiolíticos respectivamente. Já entre as causas, o principal sintoma foi a dor, seguido por resfriados, cansaço, alergia e estresse. Esses dados são semelhantes aos encontrados por Galvan et al. (2016) em um estudo de revisão sistemática no qual descreve os analgésicos como medicamentos mais utilizados e a dor como principal sintoma⁽⁶⁾.

Os entrevistados citaram ainda que, o principal local onde adquiriram medicamentos foi em farmácias, e que a automedicação não foi por influência de terceiros. Apesar de não questionado, podemos pressupor que o principal uso foi de medicamentos isentos de prescrição. De acordo com o Conselho Nacional de Saúde (CNS), o Brasil está entre os 10 maiores consumidores de medicamentos e conta com, aproximadamente, 1 farmácia para cada 3.300 habitantes. A facilidade de acesso às drogarias e farmácias, aliado ao difícil acesso aos serviços de saúde, são fatores que promovem o aumento no consumo de medicamentos^(23,24).

Portanto, pode-se verificar que o uso de medicamentos sem prescrição é uma prática comum na vida dos profissionais da saúde que atuam em hospitais, sendo observado pelo alto

índice de entrevistados (65,57%) que afirmaram realizar a automedicação. Dessa forma, destaca-se a importância de medidas de orientação e educação continuada a estes profissionais, a fim de conscientizá-los quanto às possíveis complicações da automedicação. Muitas pesquisas apontam os aspectos negativos da automedicação, porém, quando aplicada de maneira responsável, ela pode auxiliar no tratamento de transtornos menores além de proporcionar a utilização racional de medicamentos, minimizando os riscos e melhorando seus benefícios, destacando aqui a figura do farmacêutico como peça fundamental nesse processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Arrais PS, Coelho HL, Batista MD, Carvalho ML, Righi RE, Arnau JM. Perfil da automedicação no Brasil. Revista de Saúde Pública [Internet]. Fev 1997 [citado 13 nov 2021];31(1):71-7. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0034-89101997000100010>
2. Fuentes Albarrán K, Villa Zapata L. Analysis and quantification of self-medication patterns of customers in community pharmacies in southern Chile. Pharmacy World & Science [Internet]. 20 ago 2008 [citado 13 nov 2021];30(6):863-8. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11096-008-9241-4>
3. Gama AS, Secoli SR. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. Revista Gaúcha de Enfermagem [Internet]. 2017 [citado 13 nov 2021];38(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.01.65111>.
4. ICTQ - Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade. PESQUISA – AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL (2018). Publicado em: 12 Fevereiro 2019. Disponível em: <https://ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/871-pesquisa-automedicacao-no-brasil-2018>
5. Conselho Federal de Farmácia (CFF). Notícia [Internet]; 27 abr 2019 [citado 13 nov 2021]. Disponível em: <https://www.cff.org.br/noticia.php?id=5267>
6. Galvan MR, Pai DD, Echevarría-Guanilo ME. Automedicação entre profissionais da saúde. REME: Revista Mineira de Enfermagem [Internet]. 2016 [citado 13 nov 2021];20. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1415-2762.20160029>
7. Biblioteca Virtual em Saúde MS. Biblioteca Virtual em Saúde MS [Internet]. BVS - Ministério da Saúde - Dicas em Saúde; nov 2012 [citado 13 nov 2021]. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/dicas/255_automedicacao.html
8. Baggio, M.A., Formaggio F.M. Automedicação: Desvelando o descuidado de si dos profissionais de enfermagem. Rev. enferm. UERJ [Internet] abri 2009 [citado 13 nov 2021] 17(2): 224-228. Disponível em: <https://docplayer.com.br/8293704-Automedicacao-desvelando-o-descuidado-de-si.html>.
9. Organização Mundial de Saúde. Guidelines for the regulatory assessment of medicinal products for use in self-medication [Internet]. Geneva: WHO 2000. [Citado 13 nov. 2021] Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/66154>.

10. Organização Mundial de Saúde. The Role of the pharmacist in self-care and self-medication: report of the 4th WHO Consultative Group on the Role of the Pharmacist. Haia, Países Baixos, 1998 26-28 Ago 1998. [Citado 13 nov 2021]. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/65860>.
11. Fundação Oswaldo Cruz(Fiocruz). Fiocruz [Internet]. Pesquisa analisa o impacto da pandemia entre profissionais de saúde; 22 mar 2021 [citado 13 nov 2021]. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-analisa-o-impacto-da-pandemia-entre-profissionais-de-saude>.
12. Nunes GC, Nascimento MC, Alencar MA. Pesquisa científica: conceitos básicos. ID on Line REVISTA DE PSICOLOGIA [Internet]. 28 fev 2016 [citado 13 nov 2021];10(1):144. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/idonline.v10i1.390>
13. Matias-Pereira, J. Manual de metodologia da pesquisa científica. 4ª ed. São Paulo: Atlas; 2019. 187 p.
14. Ferreira W, Silva J, Paschoal L. Aspectos da automedicação na sociedade brasileira: fatores sociais e políticos. Infarma - Ciências Farmacêuticas [Internet]. 2013 Jan 7; 21(7/8): 46-50. Disponível em: <http://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=139>
15. Brasil. Resolução nº 7 de 24 de fevereiro de 2010. Dispõe sobre os requisitos mínimos para funcionamento de Unidades de Terapia Intensiva e dá outras providências. Diário Oficial República Federativa do Brasil, Poder Executivo. [Internet]. Brasília, 24 fev. 2010. [citado 13 nov 2021]. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2010/res0007_24_02_2010.html
16. Curitiba. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Saúde. Dados sobre o número de leitos de UTI ativos durante os meses de setembro e outubro. [Internet]. PMC, 2021. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/>
17. Brito, EG. Automedicação dos profissionais de saúde: uma revisão de literatura. [Monografia (Especialização em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde) Internet]. Departamento de Saúde Coletiva, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2010. [citado 13 nov 2021]. Disponível em: <https://www.cpqam.fiocruz.br/bibpdf/2010brito-eg.pdf>
18. Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde. Protagonismo feminino na saúde: mulheres são a maioria nos serviços e na gestão do SUS. [Internet]. Conasems, 2020. [citado 13 nov 2021]. Disponível em: <https://www.conasems.org.br/o-protagonismo-feminino-na-saude-mulheres-sao-a-maioria-nos-servicos-e-na-gestao-do-sus/>
19. Pereira WA, De Almeida JA, Assunção RG, Pestana Motta EA. Prevalência de automedicação em profissionais de saúde de um hospital privado de São Luís-MA. Revista de Investigação Biomédica [Internet]. 22 abr 2018 [citado 13 nov 2021];10(2):142. Disponível em: <https://doi.org/10.24863/rib.v10i2.216>
20. Wanderley LD, Martins IS, Siqueira LD, Guedes JP. Análise da automedicação entre profissionais de saúde em uma unidade hospitalar do interior de Pernambuco. In: Ciências da Saúde: Campo Promissor em Pesquisa 6 [Internet]. [local desconhecido]: Atena Editora; 2020 [citado 13 nov 2021]. p. 24-32. Disponível em: <https://doi.org/10.22533/at.ed.8822011024>

21. Tomasi E, Sant'Anna GC, Oppelt AM, Petrini RM, Pereira IV, Sassi BT. Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas, RS. Revista Brasileira de Epidemiologia [Internet]. Mar 2007 [citado 13 nov 2021];10(1):66-74. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1415-790x2007000100008>
22. Vilarino JF, Soares IC, Silveira CM, Rödel AP, Bortoli R, Lemos RR. Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. Revista de Saúde Pública [Internet]. Fev 1998 [citado 13 nov 2021];32(1):43-9. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0034-89101998000100006>
23. Conselho Nacional de Saúde. Ministério da Saúde. Consumo de medicamentos: um autocuidado perigoso. [Internet]. Ago 2005 [citado 13 nov 2021]. Disponível em: http://www.conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2005/medicamentos.htm
24. Ferreira FD, Luna GG, Izel IC, Almeida AC. O impacto da prática da automedicação no Brasil: Revisão Sistemática/ The impact of the practice of self-medication in Brazil: Systematic Review. Brazilian Applied Science Review [Internet]. 14 jun 2021 [citado 13 nov 2021];5(3):1505-18. Disponível em: <https://doi.org/10.34115/basrv5n3-016>

ANEXO

QUESTIONÁRIO

1. Sexo

Masculino Feminino

2. Idade

20 a 30 anos 31 a 40 anos 41 a 50 anos
 51 a 60 anos 61 a 70 anos mais de 70 anos

3. Estado civil

Casado Solteiro Divorciado Viúvo

4. Trabalha na UTI?

Sim Não

5. Profissão

Médico Enfermeiro Fisioterapeuta
 Psicólogo Nutricionista Farmacêutico
 Técnico de Enfermagem Outro. Especifique: _____

6. Nível de escolaridade?

Superior Pós-graduação/Especialização Mestrado
 Doutorado Técnico

7. Tempo na profissão?

1 a 5 anos 6 a 10 anos 11 a 15 anos
 16 a 20 anos mais de 20 anos

8. Utiliza algum medicamento sem prescrição? Se sim, qual(s)?

- Sim Não
- Analgésico Ansiolítico Antiinflamatório Antidepressivo
- Antipirético Fitoterápico Antitussígeno Descongestionante
- Antiácido Polivitamínico Estimulante Suplemento alimentar
- Sedativo Hipnótico Antialérgicos Anti-hipertensivos
- Diuréticos anorexígenos Laxantes Relaxante muscular
- Estimulante de ação central Antieméticos Diuréticos
- Medicamentos para gripe/resfriado Outros: _____

9. Passou a utilizar algum medicamento sem prescrição em decorrência da pandemia? Se sim, qual(s)?

- Sim Não
- Analgésico Ansiolítico Antiinflamatório Antidepressivo
- Antipirético Fitoterápico Antitussígeno Descongestionante
- Antiácido Polivitamínico Estimulante Suplemento alimentar
- Sedativo Hipnótico Antialérgicos Anti-hipertensivos
- Diuréticos anorexígenos Laxantes Relaxante muscular
- Estimulante de ação central Antieméticos Diuréticos
- Medicamentos para gripe/resfriado Outros: _____

10. Com qual frequência utiliza medicamentos sem prescrição?

- Diariamente Mensalmente
- Semanalmente Ocasionalmente

11. Está ciente dos possíveis riscos dessa prática?

- Sim Não

12. Qual(s) causa(s) o(a) levou ao consumo desses medicamentos sem prescrição?

- Dor Depressão Estresse Ansiedade Fadiga
- Medo Alergias Profilaxia Hipersonia Resfriados
- Insônia Cansaço Problemas do trato gastrointestinal
- Outros. Especifique: _____

13. Onde adquire habitualmente esses medicamentos?

- Farmácias Amigos/Colegas Hospital em que trabalho
- Familiares Outros. Especifique: _____

14. A automedicação foi influenciada por alguém?

- Não Prescrições anteriores Amigos Familiares
- Já possuía o medicamento Atendente de farmácia ou farmacêutico
- Publicidade (TV, Revistas, Jornais, Internet...)
- Outros. Especifique: _____

15. Na sua opinião, considera correta a prática de automedicação?

- Sim Não